



O sim e o não: qual será o demônio que habita em nós?

Maria da Consolação Soranço Buzelin¹

CARVALHO, B. **Simpatia pelo demônio**. 1ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. 236 pág./s

“É possível visitar o horror alheio e sair ileso,
mas ninguém escapa ao próprio horror.”
(CARVALHO, p.23)

Ao lermos o romance de Bernardo de Carvalho “Simpatia pelo demônio” o que primeiro nos ocorre é o significado profundo nas ideias do enredo.

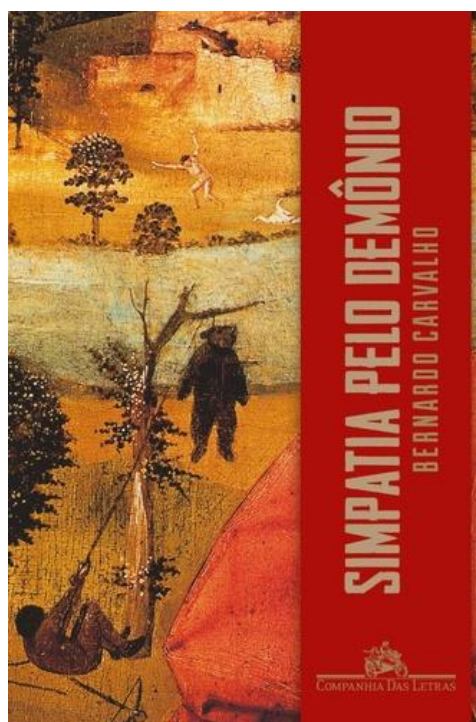
Lugar no qual, as dúvidas ora nos aclaram, ora nos turvam a mente. Dessa forma nos deparamos em um estado de meditação e alerta ao acompanhar o protagonista do romance.

Com o narrador em terceira pessoa, o que traz uma certa impessoalidade, o romance é dividido em cinco partes: 1) a agência humanitária; 2) perdeu; 3) o palhaço; 4) o sacrifício perpétuo; 5) o resgate.

Na primeira parte há a apresentação do personagem principal, Rato, que trabalha em uma agência humanitária. Rato recebe a incumbência de ir para uma zona de conflito, para entregar uma quantia e resgatar um determinado refém. Entre o real espelhado pelo terrorismo que assola até os dias atuais, na descrição minuciosa do narrador, a narrativa parece que irá caminhar de forma linear. Porém, no final da primeira parte ao encontrar o refém, Rato frente à brutal realidade, mergulha em um passado esfarrapado de angústia e incertezas.

No início da segunda parte a narrativa torna-se circular e também memorialista, mantém-se entre idas ao passado e volta ao presente. Pela memória o narrador vai e volta, entre a paixão falida, à sombra de um amor terminal. Ao contar a sua história para o refém que possivelmente nem entenda a sua língua Rato estará mergulhando em lembranças que o aprisionam em direções opostas.

Entre mudanças do Brasil para Berlim e Nova York Rato começa a narrar a sua história para o refém “Minha vida acabou faz três anos, às vésperas dos meus cinquenta e três anos, na antessala de um teatro em Berlim” (p. 68). Nesse local são apresentados os dois



¹ Mestre em Teoria Literária pelo Centro Universitário Campos de Andrade- Uniandrade.

personagens que junto com Rato irão formar a tríade que irá compor o desenrolar da narrativa: o palhaço e o Chihuahua.

Os personagens com suas dúvidas, anseios e até limitações têm papel fundamental no eixo narrativo. O Rato é o protagonista da trama, toda a história gira em torno dele. O nome nos mostra o próprio animal usado para experiências em laboratório. Esse personagem perdido no labirinto em que se encontra, que não consegue achar o seu caminho, é usado para experimento por todos que o cercam. O Chihuahua, como co-protagonista, emblemático como o cão do mesmo nome, é sagaz. Um personagem sempre à espreita que usa de seu fascínio para conseguir o que quer. Nesse caso ele pode ser considerado o anti- herói. O palhaço, como coadjuvante, alheio a tudo e a todos, traz na caricatura e no próprio nome, aquele que jamais espelha o seu interior. Os outros personagens são apenas figurantes, presentes na narrativa apenas para compor o cenário.

Juntos, enredo, personagens e ideias são inseparáveis para o bom desenvolvimento da trama.

O que primeiro nos chamou a atenção no romance de Bernardo de Carvalho foi a foto da capa, que conforme as informações catalográficas fazem parte do acervo do pintor Hieronymus Bosch (1490/1500) com o título "São Cristóvão carregando o Menino Jesus".

No decorrer da narrativa, na quarta parte, o Rato depara-se com a pintura de Bosch em um museu em Rotterdam e parece que nesse instante percebe a importância da sua missão de resgate: "Sentia que, como São Cristóvão, já tinha lidado com o diabo, mas não queria carregar mais ninguém nos ombros (p. 214).

No final surpreendente de duplicidade, não podemos deixar de nos lembrar que no início da narrativa o narrador nos alerta para o que virá a seguir "Contar é uma forma de duplicar" (p. 74), pois é exatamente o que ocorre quando Rato muda de identidade com o refém: "Quando perguntarem o seu nome diga o meu" (p. 236). Ao sair de si pra ir ao encontro do outro, o romance termina na ruptura de Rato com os seus demônios, interiores e exteriores. Diante da barbárie do mundo contemporâneo, ao se libertar das amarras que o aprisionavam, esse personagem toma a direção contrária de seus anseios e abismos destrutivos.

Devido ao grau de dificuldade, durante a leitura recorreremos aos ensinamentos de Jacques Derrida, um dos mais importantes filósofos do século XX (1939-2004). Sua elaboração sobre a *Desconstrução* (1960) nos mostra o de quanto é importante preenchermos as lacunas deixadas por um texto. Para Derrida as lacunas deixadas no texto são inaceitáveis só se não conseguirmos entender que o texto pode estar incompleto e nos propomos a desconstruí-lo.

Entre o leitmotiv do discurso e a digressão do personagem Rato, na metáfora do demônio que percorre grande parte da narrativa, nos deparamos com um jogo de sedução e repulsa onde a narrativa, ao mesmo tempo, se constrói e se desconstrói.

Bernardo de Carvalho nos apresenta em "Simpatia pelo demônio", um romance corajoso ao criar um personagem que consegue ultrapassar muralhas desconhecidas, além do limites de muitas condutas.

Como leitora, tive que ultrapassar as mesmas barreiras para seguir Rato em sua jornada. Após a leitura o sim e o não travaram uma batalha em minha mente, pois, ao me deparar e aquiescer com o pior que o diabo oferecera à Rato entrei no jogo proposto pelo narrador.

Portanto, deixo aqui minhas inquietações que só os bons romances são capazes de nos trazer. Qual será o demônio que habita em mim? E em você futuro leitor?